

**GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
SECRETARIA DE ESTADO, DA EDUCAÇÃO E DA CULTURA
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR PRESIDENTE KENNEDY
CURSO DE PEDAGOGIA - LICENCIATURA**

LEILA KARLA RODRIGUES LIMA

REFLETINDO SOBRE AS LEMBRANÇAS E O PROCESSO DE APRENDIZAGEM

**NATAL/RN
2015**

LEILA KARLA RODRIGUES LIMA

REFLETINDO SOBRE AS LEMBRANÇAS E O PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Trabalho de Conclusão de Curso – Memorial de Formação – apresentado ao Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy – IFESP, como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof. Denilton Silveira de Oliveira

NATAL/RN

2015

LEILA KARLA RODRIGUES LIMA

REFLETINDO SOBRE AS LEMBRANÇAS E O PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Trabalho de Conclusão de Curso –
Memorial de Formação – apresentado ao
Instituto de Educação Superior Presidente
Kennedy, como requisito parcial para
obtenção do Título de Licenciado em
Pedagogia, analisado e aprovado pela
Banca Examinadora Formada pelos
professores:

Prof^a Formadora M^a. Neide Medeiros Maciel - IFESP

Prof^a Formadora Esp. Maria Suely Rocha Rodrigues. IFESP:

Prof. Orientador Esp. Denilton Silveira de Oliveira - IFESP

Natal, 03 de setembro de 2015.

Dedico este trabalho a meu avô materno João Rodrigues (IN MEMORIAN), por ter me educado, principalmente me incentivado em meus estudos, e por ter me mostrado que nunca devemos desistir de nossos sonhos. À minha mãe Josileide e às minhas irmãs Jouseline e Tereza Cristina por sempre estarem ao meu lado nos momentos em que mais precisei. A minhas filhas Maria Rita e Lara Cristine por terem me dado a chance de demonstrar o quão precioso e fundamental é a Educação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado forças, paz, disposição e livramento para concluir este curso.

Aos meus (minhas) colegas de turma por ter me ajudado nos momentos mais difíceis.

Aos professores do IFESP por me fazerem entender o verdadeiro sentido da palavra Pedagogia.

Em especial, ao meu orientador, Prof. Denilton Silveira de Oliveira, pela sua dedicação, estímulo, confiança e paciência na elaboração deste trabalho.

“A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo.”

Nelson Mandela (1918-2013)

RESUMO:

Este Memorial de Formação que recebeu o título: “Refletindo sobre as lembranças e o processo de aprendizagem”, tem por finalidade evidenciar a minha evolução estudantil e profissional. Descrevo recordações da minha infância, experiências pessoal e profissional como docente, além de minha trajetória acadêmica, refletindo o processo de construção do conhecimento durante o período de formação e aprendizagem, bem como as transformações em minhas práticas pedagógicas. Escrevê-lo é trazer para o presente, momentos jamais esquecidos e vivenciados em diferentes situações e nas diversas etapas da minha vida.

Palavras – chave: Aprendizagem. Docência. Reflexões.

Sumário

1 - INTRODUÇÃO	9
2 - EDUCAÇÃO INFANTIL: COMO TUDO COMEÇOU	11
2 - ENSINO FUNDAMENTAL (1ª a 4ª série do 1º Grau)	14
3 - ENSINOS DE 1º GRAU (5ª A 8ª Serie)	18
4 - ENSINO MEDIO: CAMINHANDO E CRESCENDO	21
5 - TRAJETORIA PROFISSIONAL	22
6 - TRAJETORIA ACADÊMICA	25
7 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS	32

1 INTRODUÇÃO

Os sonhos trazem saúde para a emoção, equipam o frágil para ser autor de sua história, renovam as forças do ansioso, animam os deprimidos, transformamos inseguros em seres humanos de raro valor.

Augusto Cury

Este Memorial de Formação, cujo título é REFLETINDO SOBRE AS LEMBRANÇAS E O PROCESSO DE APRENDIZAGEM, é requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Pedagogia, e tem por objetivo relatar a minha trajetória escolar, acadêmica e profissional destacando acontecimentos que marcaram minha história, não deixando de lado meus sentimentos, emoções, mágoas, tristezas e alegrias, que foram muitas durante esse trajeto.

Nasci no dia 19 de abril de 1981, em Natal/RN, no Hospital Policlínica no bairro do Alecrim. Sou filha de Milton de Souza e de Josileide Rodrigues. Minha mãe teve três filhas Jouseline, Leila e Tereza e com muita dificuldade, mas com muito amor e carinho, nos criou. Meu pai foi um “pai ausente”, muito por seu trabalho e muito por ter outra família, mas não me queixo. Meu avô materno João Rodrigues, supriu esta falta, nos cercando com sua atenção e com a força de seu exemplo. Sem nos negar seu amor e carinho, exerceu sua autoridade tão necessária para nossa formação e, quando preciso, nos corrigiu com uns “puxões de orelhas”, o que não me fez nenhum mal, ao contrário, sinto que contribuiu muito positivamente para minha formação, pois sempre tive consciência de que eram atos de amor, visando meu bem.

Eu passei boa parte de minha infância e pré-adolescência doente, frequentando hospitais devido a uma bronquite alérgica crônica. Isso foi fato recorrente até meus doze anos de idade. Mas, em compensação, sempre que saía de um período de internação hospitalar, meus avós maternos me levavam para a casa de praia da família, que ficava em Múriu, no litoral norte da capital, e me proporcionavam momentos de muita alegria e diversão. Nessas ocasiões tomava muito banho de praia e de lagoa.

Minha infância transcorreu em um clima de muita tranquilidade, pois brincava na rua com minhas irmãs, primas e amigas até tarde da noite sem que nossas mães se preocupassem. Íamos para todos os lugares, já que não havia tanta violência

como nos dias de hoje. Infelizmente, penso hoje em dia as crianças não tem infância com a mesma qualidade de vida que minha geração teve, pois passam o dia em casa trancada na frente dos computadores, assistindo televisão sem poder ir à rua, correr, brincar, subir em árvores, e muitas nem conhecem aquelas brincadeiras antigas como tica-tica, esconde-esconde, brincadeiras de roda entre outras que tanto prazer nos deram na infância. De acordo com Vygotsky (1984);ⁱ à brincadeira tem um papel fundamental no desenvolvimento do pensamento da criança e para Cruz (1997, p.139):ⁱⁱ

Brincar é, sem dúvida, uma forma de aprender, mas é muito mais que isso. Brincar é experimentar-se, relacionar-se, imaginar-se, expressar-se, compreender-se, confrontar-se, negociar, transformar-se, ser [...]. É prática social, atividade simbólica, forma de interação com o outro.

Sempre valorizei essas brincadeiras no meu tempo de escola, mas via muito mais o aspecto lúdico, mas, percebo hoje, diante dos meus estudos no curso de Licenciatura em Pedagogia, sua importância do ponto de vista também pedagógico.

Este Memorial está dividido em sete capítulos. O primeiro capítulo relata a minha educação infantil, meus primeiros passos com a alfabetização. O Segundo capítulo descreve a minha trajetória de primeira à quarta série do 1º Grau aonde a metodologia era à de decorar o alfabeto e soletrar as sílabas e palavras. No Terceiro capítulo relato minha trajetória estudantil da quinta à oitava série do 1º Grau, período em que vivi uma experiência de injustiça no contexto escolar e em que prevalecia à avaliação e não o desempenho do aluno. No Quarto capítulo descrevo mais uma etapa de minha vida, vivenciada no ensino médio aonde pude desfrutar de momentos marcantes. No Quinto capítulo apresento minha vivência profissional, em que pude contemplar a educação infantil, educação fundamental e a Educação de Jovens e Adultos (EJA), agora sobre a ótica do educador. No Sexto capítulo relato minha trajetória acadêmica, meus aprendizados, minhas reflexões no processo de minha formação. No último capítulo faço minhas considerações finais sobre a importância do curso para minha formação profissional.

2 EDUCAÇÃO INFANTIL: COMO TUDO COMEÇOU

Contar é muito difícil, não pelos anos que já passaram, mais pela astúcia que têm certas coisas passadas de fazer balancê, de se remexerem dos lugares. A lembrança de vida da gente se guarda em trechos diversos; uns com os outros acho, que nem se misturam (...) têm horas antigas que ficaram muito perto da gente do que outras de recentes datas.

Guimarães Rosa

Cresci em uma família humilde, sempre tendo como base o amor e o respeito. Minha mãe, professora, demonstrou que a educação estava acima de tudo e que nunca deveríamos deixar de estudar, pois o estudo era a base para um futuro seguro. Segundo Libâneo (1994),ⁱⁱⁱ a educação escolar é um sistema de construção com propósitos intencionais já pré-estabelecidos. Na escola adquirimos conhecimentos científicos que nos fazem pensar criticamente os problemas da vida em sociedade.

Foi no ambiente familiar que aprendi os primeiros valores educacionais, onde construí a base da minha educação e os princípios que aplico em sala de aula, entendendo o professor como o elo condutor entre educando e o conhecimento.

Lembro-me com saudade da minha avó materna, que ao anoitecer reunia todos e contava histórias antigas de quando era jovem. Recordo também das preocupações da minha mãe em me dar um estudo digno. Hoje como mãe busco proporcionar as minhas filhas Maria Rita de oito anos e Lara Cristine de 4 meses, os momentos de prazer e ludicidade que tive na minha infância.

Tenho poucas recordações das experiências de aprendizagem durante minha infância, mas lembro de que aos 3 anos, comecei a frequentar a escolinha “Do Pinto Freire” e que da hora que chegava à hora que saía, estava chorando, não sei bem o porquê, mas é isto que me vem como recordação, quando me lembro desta época. No ano de 1985 (recordo-me que aos 4 anos) fui para outro jardim de infância, que se chamava “Cantinho da Vovó”. Minha professora nesta escola foi muito especial, com a qual desenvolvi uma relação muito afetiva que perdura até hoje, pois quando me vê ela faz questão de me beijar, abraçar e perguntar como esta minha mãe e minhas irmãs.

Em minha formação aprendi que o ideal é que façamos a devida distinção entre a professora e a figura da tia, porque, segundo Freire (1997, p.18):^{iv}

Professora, porém, é professora. Tia é tia. É possível ser tia sem amar os sobrinhos, sem gostar sequer de ser tia, mas não é possível ser professora sem amar os alunos – mesmo que amar, só, não baste – e sem gostar do que se faz. É mais fácil, porém, sendo professora, dizer que não gosta de ensinar, do que sendo tia, dizer que não gosta de ser tia. Reduzir à professora a tia joga um pouco com esse temor embutido – o de tia recusar ser tia.

Hoje entendo que Paulo Freire tinha razão ao fazer esta afirmativa. Realmente ser professora é ser mais que ser uma simples tia. Requer cuidar e educar, para que cada educando possa construir sua história baseada nos valores morais e éticos, podendo assim, exercer a cidadania.

Já aos 5 anos, lembro-me vagamente, que ainda estava nesta mesma escola e que a professora, sabiamente, fazia atividades lúdicas para chamar a atenção das crianças. Segundo Bonfim (2010, p.21).^v

Dar visibilidade à ludicidade na escola é perceber a criança como um ser que possui uma linguagem própria de expressão, é permitir-lhe experimentar um envolvimento mais profundo com que está sendo proposto.

Durante a formação acadêmica pude compreender a importância do lúdico no desenvolvimento pleno das crianças, na qual elas aprendem através de brincadeiras e jogos. Porém, quando o ato de brincar perde sua ludicidade pelo uso inadequado da prática educativa, restrita-se ao papel técnico e a brincadeira esvazia-se, em vez de aprender brincando, a criança usa o brinquedo para aprender.

Muita coisa já não recordo do meu passado, porém ouvindo alguns relatos, começa a ressurgir em minha mente muito do que vivi à época. Para Freire (1997, p.16).^{vi}

Carregamos conosco a memória de muitas tramas, o corpo molhado de nossas histórias, de nossa cultura [...] da adolescência, a lembrança de algo distante, que de repente se destaca límpido, [...] o sorriso que se perdeu num tempo de incompreensões, uma pura frase, possivelmente já aliviada por quem a disse.

Foi assim que começou minha trajetória educacional. Sob a influência de minha família, especialmente de minha mãe, comecei a dar os primeiros passos que me conduziram até este momento de minha vida. Hoje entendo a importância da educação escolar, desde a mais tenra infância. As brincadeiras, os jogos, a companhia dos colegas e da professora, são fundamentais para formação do conceito de pertencimento social que nos ajuda na construção de nossa identidade.

Nas brincadeiras, as crianças transformaram conhecimentos que já possuíam anteriormente em conceitos gerais com os quais brinca. Por exemplo, para assumir um determinado papel numa brincadeira, a criança deve conhecer alguma de suas características (MEC/RCNEI/SEF, 1998, p.2)

Hoje como professora, afirmo que é de fundamental importância oportunizar as crianças um ambiente que possibilite pensar, imaginar, criar e transformar. Como educadora, procuro estar sempre estimulando os meus alunos, perguntando e propondo soluções em conjunto para os problemas que surgem em sala de aula.

3 ENSINO FUNDAMENTAL (1ª a 4ª série do 1º Grau).

Com 6 anos fui para a escola estadual cursar a 1ª série, que atualmente é o 2º ano do ensino fundamental. E lá fui alfabetizada pelo método Marcha Sintética¹ através de uma proposta tradicional, com o uso da “cartilha do ABC”. A professora, que ainda mora na rua por trás da minha casa, foi quem me conduziu neste processo. Hoje aposentada, era uma professora maravilhosa e todos a amavam, pois nos tratava com amor e respeito.

O método sintético de alfabetização, com uso da “cartilha do ABC”, apresentava o alfabeto em grupos de letras para formar sílabas. A cartilha trazia o alfabeto escrito de várias formas, valorizando a grafia. Fazendo um contraponto a esse método, que analisa o nome de cada letra, soletrando-a para formar as palavras, Freire (1996, p.62)^{vii} afirma que: "aprender a ler e escrever não significa a memorização de sílabas, palavras ou frases, mas refletir criticamente sobre esse processo e sobre o verdadeiro significado da linguagem". Entretanto, foi por este método que eu conheci as letras do alfabeto e entendi como ocorre a formação das palavras. Depois disto ficou fácil ler pequenas palavras, pequenas frases, até chegar às orações mais longas e complexas. Mas, a compreensão plena da leitura, e a capacidade de refletir sobre o sentido do que se lê, foi um longo processo e requereu vários anos de estudo.

Na 2ª série, aos 7 anos, em 1988, ainda estudando na mesma escola, lembro-me que toda quinta-feira cantávamos o Hino Nacional e que não gostava do lanche que era servido na hora da merenda. Porém, uma lembrança importante e muito viva em minha memória, foi que, por algum tempo naqueles meus primeiros anos de escolaridade, uma das minhas professoras foi minha tia, irmã da minha mãe e que, pelo fato de chamá-la de tia em casa, tinha dúvidas de como ia me referir a ela na escola. Nesta mesma sala também estudava meu primo, o filho dela, que muitas vezes a chamava de mãe em sala de aula. Certo dia me deparei com uma pessoa questionando sobre isso, não sei se era algum funcionário da escola ou pai

¹ Método de ensino da leitura e da escrita partindo-se das partes para o todo. Neste caso parte-se das letras para as palavras e depois para as frases, orações e períodos mais complexos. O método sintético está diretamente ligado entre o som e a grafia, entre o oral(falado) e o escrito, onde o aprendizado é feito letra por letra, sílaba por sílaba e palavra por palavra. Acessado em: 28/08, disponível: https://pt.wikiversity.org/wiki/Alfabetiza%C3%A7%C3%A3o/M%C3%A9todo_sint%C3%A9tico

de aluno, queria saber como ela fazia para elaborar as avaliações. Ela respondeu, prontamente, que “sabia separar a mãe da professora”.

Eu era uma criança muito tímida. Muitas vezes ficava com dúvidas durante a aula que estava sendo ministrada, mas não tinha coragem de perguntar, por medo de ser repreendida pela professora, ou de sofrer qualquer tipo de *Bullying*² por parte dos colegas. Hoje, percebo o quanto isso afetou minha vida escolar. Minha timidez atrapalhava muito e o resultado era, quase sempre, notas baixas. Por isso, tive muitas dificuldades. Principalmente, na disciplina de matemática. As aulas me deixavam muito apreensivas porque, muitas vezes, não entendia o conteúdo ministrado, e sem a coragem necessária para interpelar o professor, acabava ficando sem aquele conhecimento.

Os professores também adotavam uma postura pedagógica tradicional, sendo fundamental em suas aulas a ordem, o silêncio e, essencialmente, o respeito. A eleição desta linha pedagógica tradicional por parte dos professores em geral, valorizando sobremaneira o silêncio e o respeito ao professor em sala de aula, reforçava o sentimento de timidez minha e de outros colegas. Rosa (1995)^{viii} faz uma observação bastante pertinente sobre este comportamento de timidez excessiva que se mostrava recorrente na experiência de muitas crianças, nas salas de aula e sua relação com a linha pedagógica tradicional, presente na prática pedagógica da maioria dos professores. Dessa forma Rosa (1995, p.25) afirma que,

A dificuldade de expor a nossa opinião era grande, a timidez e o medo de errar nos fazia calar. “Pedagogia Tradicional é a resposta de educação centrada, no professor, cuja função se define como a de vigiar e aconselhar os alunos, corrigir e ensinar a matéria”.

Portanto, pelo que recordo as atitudes adotadas pelos professores seguiam exatamente esta metodologia de ensino que se baseava em atividades de cópias, ditados e memorizações, principalmente, da tabuada. Acreditava-se que por meio da prática da repetição, obtinha-se sucesso no processo de ensino e aprendizagem. Hoje entendo que a prática da repetição não contribui muito com a aprendizagem

² Bullying é uma situação que se caracteriza por **agressões intencionais, verbais ou físicas, feitas de maneira repetitiva, por um ou mais alunos contra um ou mais colegas**. O termo bullying tem origem na palavra inglesa *bully*, que significa valentão, brigão. Mesmo sem uma denominação em português, é entendido como ameaça, tirania, opressão, intimidação, humilhação e maltrato. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/bullying-escola-494973.shtml>

das crianças, pois se elas aprendem brincando, de forma lúdica, é possível assimilar o conteúdo de outra maneira mais significativa e mais prazerosa, sem lançar mão do recurso da memorização. Isso é particularmente importante nas aulas de matemática, disciplina que encontra forte resistência por um grande número de alunos. Como diz Diniz, Candido e Smole (2007, p.11).^{ix}

O trabalho com jogos nas aulas de matemática, quando bem planejado e elaborado, auxilia o desenvolvimento de habilidades como observação, análise, levantamento de hipótese, busca de suposições, reflexão, tomada de decisão, argumentação e organização, que estão estreitamente relacionadas ao raciocínio lógico.

Nenhuma disciplina torna-se difícil se trabalhada com estratégias que levem o aluno a aprender de maneira lúdica, principalmente nas séries iniciais do ensino fundamental, porque, nessa fase, a criança tem curiosidade e prazer em aprender. Borin (1996, p.9) reforça esta ideia afirmando que: “uma das razões para a utilização de jogos na sala de aula é possibilitar diminuir bloqueios apresentados por muitos alunos que tem receio da matemática e se sentem incapacitados para aprendê-la”.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN de matemática um dos princípios norteadores do Ensino Fundamental é a utilização dos recursos didáticos numa perspectiva problematizadora. (BRASIL, 1998, p. 57) sobre esta questão diz:

Os Recursos didáticos com livros, vídeos, televisão, rádio, calculadoras, computadores, jogos e outros materiais tem um papel importante no processo de ensino e aprendizagem. Contudo, elas precisam estar integradas a situações que levem ao exercício da análise e reflexão.

O trabalho docente precisa de autonomia na sala de aula e na escolha de materiais didáticos para possibilitara elaboração de uma aula significativa e assim atingir as metas pedagógicas. x

O aluno precisa ser capaz de estabelecer semelhanças e diferenças, perceber regularidades, estabelecer relações com outros conhecimentos e com a vida cotidiana e compreender as representações simbólicas da matemática.

Durante a formação acadêmica pude compreender a importância do lúdico no desenvolvimento pleno das crianças, com o qual elas aprendem através de brincadeiras e jogos. Porém, quando o ato de brincar perde sua ludicidade pelo uso inadequado da prática educativa, restringe-se ao papel técnico e a brincadeira

esvazia-se de sentido pedagógico, como propõe Fontana e Cruz (1997).^{xi}Essa concepção pedagógica que adquiri durante minha formação acadêmica, coloquei em prática durante o estagio curricular supervisionado I e II e o resultado foi muito interessante. Na educação infantil trabalhamos com a Semana do Trânsito, propormos as crianças que cada um trouxe-se suas bicicletas ou velocípedes de casa. Enfatizamos que os pedestres só podem atravessar a rua sobre a faixa de pedestre e que os sinais de trânsito, serviam para orientar os motoristas. Construimos uma faixa de pedestre e um sinal de trânsito na escola, para que cada criança com seus “automóveis” utiliza-se o sinal e que respeita se a faixa de pedestre. Com isso pude observar através de relatos dos pais, que as crianças ao saírem da escola orientavam seus pais a usarem a faixa de pedestre, a sinalização.

4 ENSINOS DE 1º GRAU (5ª A 8ª Serie).

Em 1991 fui estudar em outra escola, do estado que fica localizado no bairro do Alecrim e lá fiz a 5ª e 6ª séries. Nesta última fui reprovada por um professor de Matemática, por causa de um décimo. Fiquei sem acreditar no que tinha ocorrido. O pior foi ficar sabendo, depois, que isto aconteceu pelo fato de minha mãe não ter ido falar com ele a respeito de minha nota, porque outras crianças, cujas mães foram conversar, tiveram um tratamento diferente; todas foram atendidas e suas filhas receberam a pontuação que precisavam. Em alguns casos, representou até mais de um ponto. À época achei esta atitude injusta, completamente parcial e desproporcional. Reprovar-me por um décimo de ponto e aprovar outros com mais de um ponto de débito na nota, simplesmente porque alguém fora interceder por eles.

Penso que esta é uma das áreas mais incompreendidas da prática pedagógica: a avaliação. Esta é um recurso para melhorar os processos pedagógicos, tendo como objetivo maior, permitir ao professor refletir sobre sua prática, identificando possíveis correções de rumos e não ser usada como arma para punir o aluno. Uma escola que precisa recorrer à pressão de nota logo nas séries iniciais, é, certamente, uma triste escola e não está educando; é uma escola fracassada. Prova é apenas uma das formas de se gerar nota, que, por sua vez, é apenas umas das formas de se Avaliar. Assim, podemos atribuir nota sem ser por meio de prova, bem como avaliar sem, necessariamente, dar nota. Aquele triste acontecimento, ainda repercute negativamente em minha vida. Fleury (1986),^{xii} chama atenção para o fato de que o aluno aprendia que havia apenas uma resposta correta para a pergunta feita e os resultados dos testes eram dados apenas como índice de aprendizado individual. Isto contradiz a realidade da vida, em que existem, quase sempre, muitas possibilidades a cada desafio que se nos apresenta.

Neste sentido Alves (2000, p.29)^{xiii} traz uma contribuição importante a esta reflexão afirmando que:

Claro que há respostas certas e erradas, o equívoco está em ensinar o aluno que é disto que as ciências, o saber, a vida são feitas [...] E com isto, ao aprender as respostas certas, os alunos desaprendem a arte de se aventurar e de errar, sem saber que, para uma resposta certa milhares de tentativas erradas devem ser feitas. Espero que haja um dia em que os alunos serão avaliados também pela ousadia de seus voos!...Pois, isto também é conhecimento.

Em período de provas e testes, eu pegava meu caderno e estudava até conseguir decorar o conteúdo. Ficava muito ansiosa, temendo errar e obter notas baixas, pois não queria que minha mãe recebesse reclamações da escola. Diferentemente do que acontece nos dias de hoje, pois a avaliação é contínua.

Ao iniciar o curso de Pedagogia, pude compreender um pouco melhor este professor de matemática, pois pelo fato do mesmo não ter uma preparação adequada e não dominar a disciplina, não planejava convenientemente suas aulas. Assim, sem ter noção de como ministrar o conteúdo, ele o fazia de qualquer forma.

Recordo-me que este mesmo professor era um pouco relapso quanto a frequência às aulas, pois faltava muito e quando vinha, sua aula se resumia a aplicação de trabalhos (exercícios) com muito pouca explicação sobre sua execução, jogando a responsabilidade do aprendizado apenas nos alunos. Hoje entendo que isso representa falta de ética profissional e a falta de uma formação adequada para o exercício da função de professor. Assim, para justificar sua incompetência ele se mostrava intransigente, inflexível e desproporcional na aplicação da avaliação, mantendo esta postura com quem se mostrava mais fraco, ou seja com o aluno, especialmente com o aluno que não apresentava um representante que pudesse se contrapor a ele em pé de igualdade, para interceder em favor de seu representado.

Fiquei traumatizada com o ocorrido e, então, a partir deste fato não quis mais frequentar a escola, embora gostasse muito de estar ali e tivesse um bom relacionamento com os alunos de turma e com funcionários e professores. Felizmente, o quadro de professores era formado de outros excelentes profissionais. Em especial lembro-me do Professor que ministrava a disciplina de ciências. Era alegre, que estimulava seus alunos. Suas aulas eram dinâmicas, por isso fazia a diferença entre os demais.

Como não gostava de frequentar as aulas de educação física que eram no turno vespertino e não tinha condições de pagar outra passagem, tive que me inscrever em outra atividade para não ser reprovada nesta disciplina. Então, inscrevi-me no GRD (Ginástica Rítmica Desportiva), hoje conhecida como Ginástica Olímpica, (que era no mesmo horário da aula).

Adorava fazer GRD, mas quando chegou a época de competir tivemos que ir atrás de patrocínio e depois de procurarmos por uns meses desistimos, pois ninguém queria nos patrocinar. Daí, então, desanimei e no meio do ano comecei a

faltar às aulas, como consequência minha mãe resolveu pedir minha transferência para uma escola do município, próxima à minha casa. Com muito sacrifício minha mãe conseguiu fazer minha matriculada no turno da noite, por não ter a idade mínima exigida para ter direito a essa matrícula. Mas, pelo fato de a diretora, me conhecer e saber que morava próximo a escola ela autorizou a minha matrícula e, naquele ano, pude concluir a 6ª série. Aos poucos fui me adaptando, interagindo. A metodologia trabalhada praticamente era a mesma, baseava-se na pedagogia tradicional. Com exceção de dois professores que cobravam mais a nossa opinião. Finalmente, no ano de 1995, concluí, lá na mesma escola, o 1º grau. Isso aconteceu nos anos de 1995, quando já tinha completado meus 14 anos.

5 ENSINO MEDIO: CAMINHANDO E CRESCENDO

Em 1996, já com 15 anos de idade, fui estudar em uma escola do Estado no turno noturno. Lá conheci várias pessoas e fiz amizades que estão preservadas até o dia de hoje. Mas um fato que me marcou muito neste ano foi que no dia 19 de abril, data em que completei 15 anos, meu pai entrou na sala de aula com um buquê de rosas vermelhas e me falou algumas palavras, que não me recordo, pois a emoção foi tão forte que comecei a chorar e só me lembro do meu pai emocionado me abraçando e meus colegas aplaudindo.

Em seguida, meu pai convidou a todos os meus colegas para irmos a uma lanchonete para comemorarmos o meu aniversário. Foi uma homenagem simples mas profundamente marcante para mim. Meu pai demonstrou o quanto me amava.

Nesta mesma escola concluí o segundo grau, hoje o terceiro ano do ensino médio. Isso aconteceu no ano de 1998. Posso dizer que foi um período de crescimento pessoal e intelectual importante. Não que a escola não apresentasse problemas, como falta de professores e pouca estrutura nas acomodações, mas porque avancei sem atropelos em meio a esses obstáculos rumo a conquista de mais esta vitória.

Nos dois anos seguintes prestei vestibular para direito, mas infelizmente não passei. Então resolvi fazer alguns cursos, como o de informática, de espanhol aplicado ao turismo, de protocolo e arquivo (esses três no ano de 1999) e secretariado, este último já no ano de 2000.

Hoje penso que os estudos dignificam a vida, nos fazem crescer como indivíduo e como cidadão, mesmo que não se traduza em conquistas imediatas. Mas, na época achava que estes cursos de nada me adiantaram, pois não consegui como resultado imediato um trabalho nas áreas de formação. Penso que Deus estava me preparando para o exercício de minha verdadeira vocação, o Magistério. Creio que nasci com esta vocação e percebo que todas as coisas concorreram para que ela se confirmasse em minha vida. Hoje percebo que tudo que estudei não foi em vão, pois entendo que *"quem nasceu para ensinar, nunca deve parar de aprender!"*³.

³ frase de autor desconhecido

6 TRAJETORIA PROFISSIONAL

O exercício de qualquer profissão é prático no sentido de que se trata de aprender a fazer “algo” ou “ação”. [...] Para isso, lançam mão de suas experiências e dos saberes que adquiriram.

Selma Garrido Pimenta

No ano de 2000, minha irmã mais nova, se matriculou no curso de magistério em uma escola estadual, no bairro de Candelária. Os trabalhos que ela fazia chamaram muito minha atenção e me motivaram, pois minha mãe é professora e sempre senti um forte impulso ao exercício do magistério.

Assim, em 2009, mesmo sem nenhuma formação específica, comecei a trabalhar em uma escola na rede privada, no turno vespertino na qual assumi uma turma do 4º ano, do Ensino Fundamental que tinha apenas três alunos: uma menina e dois meninos. Já no ano de 2010 fui trabalhar em outra escola privada nos dois turnos com salas mistas. Pela manhã assumi o 4º e 5º ano e a tarde 2º e 3º ano.

Foi neste ano que a mãe de um dos meus alunos me convidou a ensinar no RN Caminhando, no turno da noite em uma escola próximo a minha casa. Esta experiência com o EJA foi muito enriquecedora, pois me fez ver o verdadeiro valor da educação para jovens e adultos e foi graças a este projeto (RN Caminhando) que pude fazer o vestibular do IFESP.

Ao iniciar o ano de 2011, fui lecionar em uma turma do nível V (alfabetização), pela manhã e, à tarde, como auxiliar em uma turma de nível II. Foi um ano muito difícil, pois trabalhava os dois horários e não tinha hora de sair, e como já tinha iniciado as aulas no Kennedy, não dava tempo de ir em casa tomar banho e nem jantar. A mãe de um aluno, que também estuda no Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy (IFESP), é que me dava carona, para que eu pudesse chegar a tempo de assistir a primeira aula, e muitas vezes não dava tempo de estudar para os seminários. Mas graças a duas colegas que me ajudaram muito: Jozinilda Muniz e Valquíria Dias consegui superar a maioria desses obstáculos para chegar a este momento.

No final deste mesmo ano sai desta escola, pois não estava conciliando trabalho, faculdade e casa.

Em 2012 fui trabalhar com uma turma mista 2º e 3º anos do ensino Fundamental, turno vespertino, mas no mês de julho, afastei-me desta turma para assumir outra, a do terceiro ano, pois entrou uma professora para o segundo ano. Porém, ela só permaneceu com esta turma por dois meses, saindo logo em seguida. Então, reassumi o segundo ano, passando o terceiro ano para a diretora da escola.

Este troca-troca de turma foi muito prejudicial ao trabalho desenvolvido com as crianças. Como afirma Freire (1996 p.89)^{xiv}“a tarefa de educar pressupõe estabelecer laços de afetividade, requer querer bem a quem se educa”.

Por isso, aquele foi um ano muito difícil, pois eram turmas distintas e cada uma com suas especificidades. Para completar a dificuldade, tinham vários alunos com dificuldades especiais em cada turma. Na turma do segundo ano tinha uma aluna (de 19 anos), com Síndrome de Dawn. Já no terceiro ano um menino com Déficit de Atenção e Dislexia e outro que tinha sofrido abusos sexuais e que era muito agressivo fato que me foi negado pela direção da escola ao me passar a responsabilidade pela turma.

Com o início do ano de 2013, fiz inscrição junto a Secretaria Municipal de Educação de Natal – SME, para ser auxiliar de professora em Educação Especial e fui chamada para auxiliar uma turma de terceiro ano na escola do município. Ali fiquei dando atenção especial a uma criança autista. Este foi para mim um desafio fantástico, que valeu a pena e me proporcionou muitos aprendizados. Descobrir um pouco do mundo dessa criança. Foi muito gratificante e enriquecedora esta experiência que vivenciei. Minha função era tentar adaptar os conteúdos ministrados pela professora da sala à realidade da criança, dando algum sentido a eles, pois Libâneo(1990, p.253) coloca que,

A motivação dos alunos para com a aprendizagem, através de conteúdos significativos e compreensíveis para eles, é fator preponderante na atitude de concentração e atenção dos alunos.

A Disciplina Optativa: Educação Especial veio contribuir diretamente e acrescentar os conhecimentos necessários para que eu trabalhasse com mais propriedade a inclusão em sala de aula. Durante as aulas contínuas fazia atividade diferenciada para que ele reconhecesse as letras, indicando as figuras. Um dia na semana era aula no computador que tinha um programa para crianças com dificuldade em se alfabetizar.

É bom lembrar que, segundo os PCN, “o aprimoramento do educando como pessoa humana inclui a formação ética, o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico” (BRASIL, 2004); daí a importância do trabalho com alunos de turmas regulares em relação ao universo da deficiência.

7 TRAJETORIA ACADÊMICA

Ser educador é ser um poeta do amor. Educar é acreditar na vida e ter esperança no futuro. Educar é semear com sabedoria e colher com paciência.

Augusto Cury

Em 2010, como já colocado anteriormente, tive o prazer de participar do vestibular do IFESP e de ser aprovada para iniciar minha graduação em Pedagogia - Licenciatura. As aulas começaram em janeiro de 2011 e logo no primeiro dia fomos recepcionados pela gestão, professores formadores e alguns alunos formandos, no Auditório Nísia Floresta. Em seguida, fui conhecer a minha turma. Ali me deparei com pessoas totalmente diferentes e me aproximei de uma senhora que, pelo fato de ser um pouco mais velha, a julguei, achando que ela não ia se interessar pelo curso, mas estava enganada. Logo descobri que tínhamos muito em comum, inclusive o interesse real por alcançar novos saberes a fim de aplicá-los em nossa prática pedagógica. Infelizmente, neste mesmo ano, esta que se tornou uma grande amiga, faleceu. Seu nome era Betânia.

Fiquei muito abalada com o ocorrido por que nem ao menos tive o prazer de completar o primeiro ano de estudos em sua companhia. Foi um choque muito grande quando ela descobriu que estava doente e pouco tempo depois veio a óbito, Éramos muito unidas e fazíamos todos os trabalhos juntas, mas isso me motivou a seguir em frente estudando e me esforçando a cada dia para superar as batalhas que apareceram em meu caminho. Assim, continuei minha jornada, fazendo novas amizades que me ajudaram a superar esta grande perda sofrida.

Neste mesmo ano tive problemas na minha vida conjugal, separei-me e passei a ser ameaçada por meu ex-marido. Precisei comunicar o fato à direção do IFESP, por ter medo do mesmo querer entrar na instituição, pois não temos nenhum tipo de segurança, sendo a entrada às dependências do IFESP facultada a qualquer pessoa. No dia que informei à coordenadora pedagógica, a mesma mandou chamar um dos porteiros e informou o que tínhamos conversado. Passei as características e pedi que se alguém chegasse me procurando falasse que eu não tinha ido para a aula.

Ao chegar ao IFESP no dia seguinte, fui impactada por uma notícia que me chocou. A coordenação fez uma reunião com todos os funcionários e informou o

acontecimento. Até ai tudo bem, mas para a minha surpresa a reunião que tinha sido feita para “os funcionários” da instituição vazou para os alunos dos três turnos. Assim, quando retornei, naquele dia, pessoas conhecidas vieram comentar comigo sobre o ocorrido. Por onde passava via grupo de pessoas comentando o que havia acontecido comigo. Isso foi muito constrangedor para mim e me deixou muito apreensiva.

Meu medo era real e quando saia de casa seguia sempre um caminho diferente pensando que podia estar sendo seguida, em determinados dias só ia para a faculdade se alguém fosse me deixar e me pegar de carro. Se chegasse algum funcionário na porta da sala de aula desabava em choro, pois achava que tinha alguém me procurando. Na hora de ir para casa pegava carona com meus colegas, para poder pegar o ônibus em outro local, porque eu tinha muito medo de ir para a parada mais próxima e ele estar me esperando para cumprir sua promessa. Além do mais ficou passando uma ronda escolar (que a direção tinha informado) na instituição foi então que os comentários aumentaram. Até que um dia ao sair do Kennedy peguei uma carona com uma colega da outra turma que me deixou bem perto da minha casa. Ao chegar na esquina da rua onde moro, vi minha mãe e minha irmã mais nova me esperando, porque uma colega da minha turma tinha ligado para minha mãe falando que a ronda escolar estava me procurando, minha mãe já estava nervosa tentando falar comigo e não conseguia, pensando que tinha acontecido algo muito sério comigo.

Fiz todo este relato porque isso teve uma influência muito grande em meu processo de formação, prejudicando consideravelmente meu rendimento acadêmico naquele período. Passei a ter dificuldade de concentração e minha capacidade de assimilação dos conteúdos ministrados em sala, ficou muito prejudicada. Quando entrava no IFESP e via todos a olharem para mim, eu ficava desesperada pensando em desistir do curso. Fui superando esta dificuldade lentamente. Minha fé em Deus e o apoio que recebi de muitos amigos me fortaleceram e me ajudaram a levantar a cabeça e a seguir em frente.

No ano de 2012, realizei o terceiro e o quarto períodos, que por motivo da greve dos professores, acabou por atrasar o seu termino e virtude disso, precisamos dar conta de muitas atividades concomitantemente. Em 2013, fui estagiar em uma escola do município, com Educação Especial. Foi um ano surpreendente, pois ao mesmo tempo em que trabalhava com uma criança autista, estudava o assunto na

faculdade pagando a disciplina Psicopedagogia e iniciávamos o primeiro Estágio Supervisionado em Educação Infantil no quinto período. Pensei que pelo fato de já conhecer o cotidiano de uma sala de aula fosse mais fácil o estágio, mas me enganei, foi o primeiro e o mais turbulento que passei, pois tinha que fazer o planejamento de acordo com o pensamento da orientadora e não com o da professora de sala de aula. Mas, enfim, eu e minha colega, fizemos um planejamento conforme a professora da escola orientou e nos saímos bem. Na semana da ação pedagógica, fizemos de acordo com o que tínhamos planejado, as crianças se divertiram brincando, fazendo atividades lúdicas e cantando, pois a professora titular da sala não trabalhava com ludicidade e era sempre a mesma rotina, acolhimento, atividade, lanche e atividade. E as crianças adoraram as novidades trazidas para sala de aula: som, pintura, recorte e colagem.

O segundo estágio aconteceu no sexto período e voltado para o Ensino Fundamental, foi bem tranquilo, pois os nossos orientadores, nos deixaram mais à vontade na hora de planejarmos de acordo com alguns fundamentos que eles nos passaram e com as normas da escola onde fomos estagiar e tudo transcorreu normalmente, sem o estresse que caracterizou o anterior.

A semana de observação foi bem proveitosa, pois observamos a metodologia da professora de sala. Ela encantava as crianças com suas brincadeiras e jogos. Na semana em que fomos aplicar o nosso planejamento, foi bem divertido, pois foi no período de carnaval. Fabricamos máscaras, fizemos rodas de conversa sobre o Baile de Máscaras e no último dia realizamos um baile de carnaval, para a turma do primeiro ano. Foi uma alegria só quando viram a sala toda decorada com máscaras, serpentinas e fantasias. Estávamos trabalhando com as consoantes C e M, no sentido de formar nomes com aquelas letras. E foi aí que surgiu às palavras MÁSCARAS E CARNAVAL.

Em 2014, iniciamos nossos últimos períodos, sétimo e oitavos, já começando a escrever o TCC e realizando o terceiro estágio que, inicialmente seria em EJA. Mas como não conseguimos uma escola que tivesse esta modalidade, estagiamos em Gestão Escolar, na qual eu e meu colega de turma elaboramos um Projeto para Revitalizar da biblioteca da escola, que já não era utilizada pelos alunos há algum tempo, pois não tinha quem ficasse no local. A sala estava toda empoeirada, cheia de entulhos por cima dos livros. Então organizamos, limpamos e deixamos tudo em ordem, mas no dia de colocarmos o projeto em prática a coordenadora do turno

matutino, não autorizou. Foi ai que tivemos que improvisar, em uma sala de aula que estava sem professor. Colocamos tapetes, almofadas e livros pelo chão e convidamos as crianças. Todas ficaram encantadas quando viram tudo arrumado e que podiam ler sentados, deitados no chão e até tirar o sapato. Cantamos, contamos e escutamos histórias, todos adoraram e até perguntaram quando iria ter outra “festa” como aquela isso foi muito gratificante para nós, como pessoas e, especialmente, educadores.

O oitavo período foi um pouco conturbado, pois tivemos que terminar o Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, em nosso caso o Memorial e, ao mesmo tempo, estagiar, fazer relatórios e pagar disciplinas que deveríamos ter pago em outros períodos, como a de EJA e Gestão. Tanto que estagiamos no sétimo período com foco em gestão e tivemos a disciplina no oitavo.

O quarto estágio, destinado a experiências em Espaço não escolar foi ótimo, pois nossas orientadoras fizeram um trabalho impecável. Estagiei no CAS/RN (Centro de Atendimento aos Surdos), foi muito gratificante, pois como tínhamos pagado a matéria: Noção em Libras pôde compreender um pouco do que se passava. Para este estágio era necessário entender o papel do pedagogo no espaço não escolar e no CAS. A pedagoga que nos acompanhou, procurou nos apresentar com detalhes o papel do pedagogo em um espaço como aquele, e fez isto não com teorias, mas através de sua prática, das atitudes do seu dia-a-dia profissional. Então ficou claro que um pedagogo não só trabalha com questões burocráticas, mas com ações educativas concretas, amando e vivenciando tudo o que acontece ao seu redor com um olhar diferenciado, preocupado em sempre oportunizar crescimento e aprendizado aos alunos.

Engravidei da minha segunda filha, sem planejamento, ainda no final do sétimo período. Foi uma surpresa para todos. Depois de oito anos do nascimento de Maria Rita, minha primeira filha, não pensava em ter mais filhos. Tive muitos enjoos e passava mal o tempo todo, por isso foi um pouco difícil o processo do oitavo período: durante o estágio, escrevendo o memorial e frequentando as aulas. Mas graças a Deus tudo terminou bem, minha filha Lara Cristine nasceu e eu pude concluir a escrita do meu memorial e todas as tarefas concomitantes referentes ao meu curso.

Recordo algumas disciplinas que fizeram parte desta maravilhosa experiência de formação acadêmica. Em Sociologia, por exemplo, aprendi que o homem é

aquele que a sociedade estabelece. Em Pesquisa e Prática Pedagógica VI que teve como foco a prática educativa, pude analisar a minha prática pedagógica através do contraste com outras práticas, descobri que na escola não há mais espaço para uma gestão escolar que não seja democrática e construída coletivamente.

É exatamente isto que Veiga (1995, p. 15)^{xv}propõe ao afirmar:

A escola não tem mais possibilidades de ser dirigida de cima para baixo e na ótica do poder centralizador que dita as normas exerce o controle técnico-burocrático. A luta da escola é para a descentralização em busca de sua autonomia e qualidade.

Com a disciplina de Ética e Cidadania aprendi, entre muitas outras coisas, que o convívio é a base para a aprendizagem e com a disciplina de Alfabetização e Letramento contribuiu na teoria e na minha prática, possibilitando um melhor desempenho do meu trabalho como professora, pois a partir destas aulas tive um outro olhar sobre meus discentes e pude trabalhar de forma diferenciada com cada um. Os Seminários também foram de grande valia para a minha vida pessoal e profissional, pois melhorou a qualidade do ensino, pois pude proporcionar aos meus alunos seminários e rodas de conversas, fazendo com que meus alunos perdessem a timidez e o medo de falar em público.

Desde o início do curso sempre tivemos a oportunidade de participar de grupos de trabalhos. Estes momentos de troca e de socialização de experiências com os colegas foram muito importantes, sendo momentos de construção coletiva e colaborativa de conhecimentos, através da socialização de ideias e de reflexões sobre os mais diversos temas de pesquisa. Aprendemos técnicas de trabalhos em grupo o que nos ajudou a potencializar este aprendizado coletivo.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Todos estamos matriculados na escola da vida, onde o mestre é o tempo”.

Cora Coralina

Diante das mudanças ocorridas em minha vida, ao longo dos meus anos de escolaridade, mas especialmente a partir de 2011, através dos conhecimentos adquiridos no curso de Pedagogia – Licenciatura, realizado no Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy – IFESP, posso dizer que minha vida pessoal e profissional foi transformada.

O curso não foi apenas a conquista de um diploma de nível superior, muito mais que isto, o curso me preparou para a vida, tornando-me uma pessoa melhor, mais completa em mim mesma. Aqui descobri uma fonte inesgotável de conhecimentos, conhecimentos, estes, adquiridos para serem vivenciados em na prática pedagógica, diretamente com aqueles que esperam de nós o melhor que possamos ser para eles.

Portanto, considerando as vivências escolares pelas quais passei, as situações afetuosas que experimentei na vida pessoal e profissional, e as lições aprendidas no IFESP, posso afirmar que o educador deve ser constantemente um pesquisador, buscando sempre soluções para as mais variadas situações que envolvem a ação pedagógica. Para isto se faz necessário que o educador se auto avalie permanentemente, buscando embasamentos teóricos essenciais à reconstrução de sua prática pedagógica.

Reconheço que é imprescindível a construção de uma educação que venha desenvolver competências, proporcionando a formação de cidadãos críticos, reflexivos e conhecedores dos seus direitos para que possam ter a perseverança e coragem de lutar por seus objetivos.

Tenho certeza de que as lutas travadas, o cansaço, o desânimo e a ansiedade nesta etapa final de minha trajetória acadêmica não foram em vão. Mas é importante ressaltar que, embora tenha alcançado essa grande vitória, tenho consciência de que preciso prosseguir em busca de novos conhecimentos, para o exercício da profissão que escolhi, visto que esta fonte inesgotável chamada conhecimento, esta sempre à disposição para saciarmos a nossa sede.

Dessa forma, entendo que,

A formação configura-se como uma atividade humana inteligente, de caráter processual e dinâmico, que reclama ações complexas e não lineares. Nesse sentido, trata-se de um processo no qual o professor deve ser envolvido de modo ativo, precisando continuamente desenvolver atitudes de questionamentos, reflexão, experimentação e interação que fomentem mudanças. (FARIAS, SALES et al, 2009, p.67)^{xvi}

É nesta perspectiva que vejo minha formação acadêmica em Pedagogia – Licenciatura realizada no IFESP: um exercício de reflexões permanentes que promoveram transformações profundas na minha prática docente. Estas transformações saem da esfera pessoal e passam para a coletiva, na medida em que alcançam outras pessoas, todas as que estão presentes no relacionamento produzido pelo processo educativo, que ocorre durante nossa prática pedagógica.

REFERÊNCIAS

- BONFIM, Patrícia Vieira. **A criança de seis anos no ensino fundamental: uni-duni-tê... Corporeidade e ludicidade – mais que uma rima, um porquê.** Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de São João Del-Rei. MG. 2010
- BORIN, J. **Jogos e resolução de problemas: uma estratégia para as aulas de matemática.** São Paulo: IME-USP. 1996
- BRASIL. SECRETARIA DA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Matemática** - Brasília: MEC / SEF, 1998.
- CRUZ, Roseli Fontana Nazaré. **A brincadeira na vida e na escola, In: psicologia e trabalho pedagógico.** São Paulo: Atual, 1997. Texto dois. C.11
- DINIZ, M.I, CÂNDIDO, P. SMOLE, K.S. Cadernos do Mathema. Jogos de Matemática. De 1ª a 5ª ano. –Porto Alegre: Artmed. 2007.
- FARIAS, I. M. S.; SALES, J. O. C. B.; BRAGA, M. M.S. C.; et al. **Fundamentos da prática docente: elementos quase invisíveis.** In: __.Didática e Docência: aprendendo a profissão. Brasília: Líderlivro, 2009.
- FLEURY, Reinaldo. Matias. **Nota: para quê?** Revista de Educação AEC, Brasília, n.60,1986.
- FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar.** Editora Olho d'Água. São Paulo. 1997.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido.** Paz e Terra; 1997.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo. Editora Paz e Terra, 1996.
- FONTANA, Roseli A. C. CRUZ, Maria Nazaré da. **Psicologia e trabalho pedagógico.** São Paulo: Atual Editora, 1997.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** 1ª ed. São Paulo: Cortez, 1991.
- _____. **Didática.** 2º grau. São Paulo: Cortez, 1994.
- MEC, Ministério da Educação e do Desporto, Secretária de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional Para Educação Infantil (RCNEI), Brasília/DF, 1998
- PCN. Parâmetro Curricular Nacional da Educação Física. V.7
- ROSA, Sanny S. da. **Construtivismo e Alternância.** (Coleção Questão de nossa Época). São Paulo; Cortez, 1995.

VEIGA, Ilma Passos Alencar (org.). **Projeto Político Pedagógico: Uma construção possível**. 3ª ed. Campinas Papyrus. 1995.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.